

Agroecologia nos Tecidos Universitários

Agroecology in the University Network

Alexandre Prada

Eng. Agrônomo pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Coordenador de Projetos do Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (Cemear)
cemearpg@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8797923635259306>

Adolfo Ramos Lamar

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professor na Universidade Regional de Blumenau (FURB).
jemabra@furb.br
<https://orcid.org/0000-0003-1164-1172>

Denise Bianca Maduro Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Técnica em Assuntos Educacionais na Pró-Reitoria de Extensão da UFMG.
denisebianca@ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-4909-1850>

Julia Coelho de Souza

Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Professora no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET UnB)
julia.souza@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9677-7804>

Kelly Ayanna Peters Barros

Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Bibliotecária na FURB
kellyayanna@furb.br
<https://orcid.org/0000-0002-4620-5517>

RESUMO: O objetivo do texto é discutir a inserção da agroecologia no contexto universitário a partir da experiência do Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (Cemear), organização social que atua no apoio à agricultura familiar no Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina, Brasil, em articulação com a Universidade Regional de Blumenau. Discute-se como a atuação conjunta entre organizações sociais, agricultores familiares, consumidores e universidade conforma um tecido social favorável à promoção da agroecologia. Realizou-se entrevista semiestruturada com um dos fundadores e Coordenador de Projetos do Cemear, o Eng. Agrônomo Alexandre Prada, além de revisão bibliográfica. Como resultado, evidencia-se que iniciativas como as cestas agroecológicas, desenvolvidas no âmbito da extensão universitária e da economia solidária, fortalecem a transição agroecológica, ampliam o acesso a alimentos saudáveis e promovem processos educativos entre produtores, consumidores e comunidade acadêmica. Conclui-se que a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, em diálogo com movimentos sociais, é fundamental para a construção de conhecimentos agroecológicos socialmente relevantes, embora desafios persistam, especialmente na comunicação e na ampliação do consumo consciente no ambiente universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Giro Agroecológico; Educação Superior; Extensão; Agricultura Familiar.

ABSTRACT: The aim of this paper is to discuss the integration of agroecology into the university context based on the experience of the Center for Ecological Motivation and Rural Alternatives (Cemear), a social organization that supports family farming in the Alto Vale do Itajaí region, Santa Catarina, Brazil, in collaboration with the Regional University of Blumenau. The paper discusses how joint action among social organizations, family farmers, consumers, and the university constitutes a social fabric conducive to the promotion of agroecology. A semi-structured interview was conducted with one of the founders and project manager of Cemear, Agronomist Alexandre Prada, along with a literature review. The results indicate that initiatives such as agroecological food baskets, developed within the framework of university extension and the solidarity economy, strengthen the agroecological transition, expand access to healthy food, and promote educational processes among producers, consumers, and the academic community. It is concluded that the articulation of teaching, research, and extension activities, in dialogue with social movements, is fundamental to the construction of socially relevant agroecological knowledge, although challenges persist, particularly in communication and in expanding conscious consumption within the university environment.

KEYWORDS: Agroecological Turn; Higher Education; University Extension; Family Farming

Introdução

A Agroecologia é uma abordagem técnica, prática e científica transdisciplinar e interdisciplinar que tem como paradigma a construção de sistemas agroalimentares sustentáveis. A transição para sistemas agroalimentares sustentáveis incide no enfrentamento às mudanças climáticas, um efeito entrópico da ação humana no Planeta e uma realidade evidente da sociedade atual. Os mercados são provavelmente o principal espaço de convergência entre a produção e o consumo de alimentos provenientes da agricultura familiar e da agroecologia (Souza; Rover; Nodari, 2021). O texto que se apresenta é um testemunho da construção de conhecimentos, saberes e práticas sobre transição e manutenção de agroecossistemas realizada através da atuação de organizações sociais do campo da agroecologia em Santa Catarina junto com universidades. Isso se dá, através da escuta sobre a experiência do Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (Cemear), organização social de apoio à Agricultura Familiar (AF), localizada no Alto Vale do Itajaí na construção da agroecologia junto a agricultores familiares nesse território e contexto. O Cemear é a entidade de apoio à agroecologia que, em parceria com a Universidade Regional de Blumenau (FURB), e envolvendo uma diversidade

de atores sociais locais, tem possibilitado o abastecimento periódico a um conjunto de consumidores urbanos, na cidade de Blumenau, através de cestas de produtos agroecológicos e locais. Para contextualizar esse relato, mobiliza-se nessa introdução os aportes conceituais e práticos da construção social de mercados (Wilkinson, 2008; Rover; Darolt, 2021), desde onde discute-se o tecido social que conforma a agroecologia através da análise dos circuitos curtos de comercialização (Souza, 2023).

Em estudos sobre as cada vez mais frequentes Cestas de Alimentos Agroecológicos se observaram aspectos organizativos, econômicos, socioambientais e educativos envolvidos na (e entre a) produção e consumo de alimentos agroecológicos (Souza, 2023). A comercialização em cestas é uma forma de organização em torno do acesso a alimentos bons, limpos e justos que, quando bem articulada, tem a potência de gerar espaços e dinâmicas sociais relevantes de democratização no alcance de alimentos saudáveis e na comercialização justa e segura para os agricultores.

Nas pesquisas do Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar da Universidade Federal de Santa Catarina (LACAF/UFSC), diversos foram os achados sobre as iniciativas de venda direta em circuitos curtos de comercialização em relação aos processos socioeconômicos e educativos envolvendo produção e consumo, agricultores e consumidores: a relevância dos circuitos curtos na promoção de agrobiodiversidade e geração de renda direta e justa a agricultores familiares (Gelbcke, 2018), a consolidação de relações sociais geradas pela proximidade entre os atores sociais no meio urbano e no rural (Escosteguy, 2019; Souza *et al.*, 2023), os cinturões verdes que tais circuitos têm a potencialidade de consolidar no entorno de centros urbanos (Rover; Pugas; Souza, 2021; Carrieri; Rover; Pugas, 2023), a atuação da universidade na promoção da agroecologia (Souza, 2023), a conformação de redes de cidadania agroalimentar (Miranda, 2020; Souza *et al.*, 2023). Fruto dessa agenda de pesquisa, (Souza *et al.*, 2023; Souza, 2023), situa-se os agricultores (organizados coletivamente), consumidores (individuais ou organizados) e as entidades de apoio (organizações sociais, extensão rural, instituições e mediadores sociais) como os atores sociais que conformam a agroecologia nos territórios, em uma diversidade de interações.

Os circuitos curtos de comercialização – e além deles, as redes de agroecologia – têm em sua criação e consolidação uma estreita relação com a trajetória de atores sociais coletivos envolvidos com o movimento agroecológico (Souza *et al.*, 2023) e com as pautas históricas da agricultura familiar. Esses atores são

fundamentais na promoção da agroecologia nos territórios, através de diversas atuações: na Assistência Técnica e Extensão Rural¹, no assessoramento a agricultores familiares para a transição agroecológica – seja com técnicas, seja com assessoria a políticas públicas voltadas à Agricultura Familiar, com o apoio na comercialização da produção, na realização de pesquisas, nos estágios de vivência de estudantes junto à Unidades Familiares Rurais (UFRs), na extensão universitária, na realização de projetos que incentivam o intercâmbio entre agricultores e saberes locais, etc.

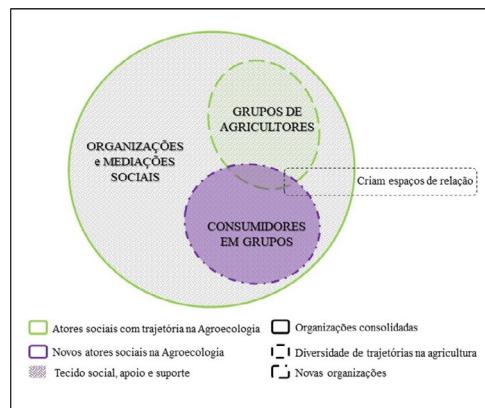
Nesse sentido, o LACAF/UFSC também criou o Projeto de Extensão Células de Consumidores Responsáveis (CCR)², ativo desde 2017. A forma de gestão das cestas de alimentos agroecológicos, nesse caso, é desenhada como uma metodologia para a comercialização direta da produção orgânica da agricultura familiar. A metodologia das CCR envolve a articulação entre alguns elementos-chave no processo de comercialização: contato direto entre agricultores e consumidores organizados em coletivos; comercialização de cestas ‘fechadas’ organizadas e montadas pelos agricultores, com diversificação a cada semana, dando espaço para os alimentos diversos e sazonais da produção da agricultura familiar; entrega das cestas em Pontos de Partilha, em um dia ou turno específico por semana (como forma de viabilizar e baratear o custo de logística); e pagamento antecipado de ciclos de produção aos agricultores, possibilitando a produção planejada e diversificada, com garantia de escoamento. Essa metodologia cria espaços que são formativos desde a produção até o consumo e, do ponto de vista socioambiental e econômico, dá suporte à produção em agroecossistemas sustentáveis e pode garantir mercados com remuneração justa aos agricultores e acesso a alimentos saudáveis para consumidores com menor renda.

Estudos relacionados a essa e outras iniciativas de cestas nesse mesmo formato (Souza, 2023; Souza *et al.*, 2023) demonstram que as Organizações Não Governamentais (ONG), Organizações Sociais e Universidades conformam um tecido social que dá condições à formação dos circuitos e redes socioeconômicas que viabilizam a sustentação da agroecologia, especialmente nos territórios, mas também em tramas mais amplas. A figura abaixo apresenta esse tecido social, através da representação dos atores sociais envolvidos e agentes que criam e consolidam os processos e as experiências de comercialização em cestas de alimentos agroecológicos em circuitos curtos.

1 Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER

2 Para informações detalhadas sobre as CCR, acessar a página do LACAF/UFSC em <https://lacaf.paginas.ufsc.br/celulas-de-consumidores-responsaveis/> e nas redes sociais, através de https://www.instagram.com/CCR_celulasconsumo/.

Figura 1 – Atores Sociais dos Circuitos Curtos da Agroecologia



Fonte: Souza (2023, p. 143)

Neste trabalho apresenta-se o Cemear como uma organização social de base, com trajetória na agroecologia e atuação junto à agricultura familiar da região, que integra a agroecologia à Universidade através da alimentação, em uma ação de abastecimento por Cestas Agroecológicas, contando com o suporte de um espaço voltado para a Economia Solidária, espaço Vitrine, para exposição e venda de produtos e o apoio logístico e de divulgação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), da FURB.

Figura 2 – Vitrine de Economia Solidária



Fonte: Cemear (2021)

Figura 3 – Entrega das Cestas Agroecológicas



Fonte: Cemear (2021)

Figura 4 – Alimentos Agroecológicos



Fonte: Cemear (2021)

Figura 5 – Encontro de Agricultores e Grupo de Consumidores



Fonte: Cemear (2021)

A ITCP atua por meio de atividade extensionista, de forma interdisciplinar e promovendo uma interação dialógica com a comunidade, apoiando e assessorando o desenvolvimento e aperfeiçoamento de empreendimentos econômicos solidários, de forma coletiva, autogerida e com valores de solidariedade, igualdade e oportunidade (Barbosa, 2021; Schiochet; Fronza; Barbosa, 2021). Esse conjunto de organizações sociais dá suporte à comercialização da produção agroecológica de agricultores familiares do Alto Vale do Itajaí, em diálogo com uma gama de consumidores na ponta do processo que, se não estão organizados coletivamente

para o consumo, se envolvem com uma ação coletiva em torno do acesso ao alimento agroecológico. Os espaços de relação emergem da convergência entre esses atores sociais (FURB, Cemear, consumidores). São novas dinâmicas de ação social para acesso a mercados e consumo de alimentos bons, limpos e justos (Souza; Rover; Nodari, 2021), que têm diversos pontos de contato com a universidade e suas dinâmicas de relação, seja no ensino, na extensão, ou na pesquisa, gerando conhecimento crítico. O elemento educativo desse processo reside, então, nesses espaços e momentos de diálogo, reconhecimento, conhecimento, observação, prática, contato entre e através dos diferentes saberes envolvidos na construção social de mercados da agroecologia, com o potencial de criação de hábitos saudáveis, melhoria nutricional da alimentação, da saúde e da qualidade de vida de todos os sujeitos envolvidos, sejam produtores, consumidores, estudantes ou trabalhadores da Universidade. Além disso, com a prática das cestas agroecológicas, a FURB reconhece-se como instituição total que faz parte de uma rede planetária discutindo e atuando pela sustentabilidade e no enfrentamento às mudanças climáticas, uma pauta emergencial. A FURB, assim, insere-se também nesse tecido global como ator que impacta no desenvolvimento social econômico e sustentável do ambiente em que se insere, responsabilizando-se pela melhoria do ecossistema.

Na entrevista que se apresenta a seguir, retoma-se a centralidade das temáticas agroalimentares e a necessidade de ampliação e aprofundamento dos debates sociais, políticos e acadêmicos nesse campo, e a relevância de trazer a público a fala de um ator social que, ao atuar com extensão rural e projetos de transição e produção agroecológica em seu contexto territorial, forma e conforma essa rede de relações sociais (educativas, políticas, econômicas e ecossistêmicas). Com isso, a entrevista com referente do Cemear presente desde sua conformação, o seu Coordenador de Projetos de 2000 a 2025, e Engenheiro Agrônomo de formação, Sr. Alexandre Prada, se situa no campo da construção de conhecimentos, e na perspectiva de que as atuações locais estão de forma sistêmica conectadas a uma rede agroecológica muito mais ampla, em plena ação e construção do movimento agroecológico.

A entrevista foi voluntária, se deu de forma remota³, com a presença de duas entrevistadoras e um entrevistado, utilizando-se de áudio e vídeo gravados, em junho de 2024, e teve duração total de aproximadamente 1 hora. As entrevistadoras realizaram contato anteriormente com o entrevistado se apresentando,

3 Foi usada a plataforma federada <https://conferenciaweb.rnp.br/>, por ser de acesso gratuito, permitir gravar áudio e vídeo, a participação de todos sujeitos envolvidos, e não ter limitação de tempo.

agendando o melhor dia, horário e meio, segundo o mesmo, e compartilhando o roteiro semiestruturado de perguntas com antecedência ao encontro para sua familiaridade, as quais giraram em torno aos seguintes pontos:

- Explique o que é o Cemear e seu papel na mesma.
- Como vê a interação da agroecologia, por meio do Cemear, suas ações conjuntas com a FURB, a Universidade, e os Programas de Pós-Graduação na construção de um novo conhecimento alinhado ao pensamento agroecológico?
- Como se veem na interação com a Universidade? Se veem articulados à ação de extensão, ação institucional administrativa da FURB ou, ainda, à ação de ensino de algum programa acadêmico específico?

A transcrição da entrevista foi realizada com o auxílio do TurboScribe⁴ que é um serviço de transcrição de inteligência artificial (IA), que converte arquivos de áudio e vídeos para texto. Após esse processo de transcrição e revisão, o texto foi conferido novamente com o áudio. Ao final, a entrevista transcrita foi enviada para conferência do entrevistado que manifestou sua concordância. Aqui se apresenta a entrevista com as principais falas relacionadas a atuação do Cemear e seus atores junto a Universidade, na temática Agroecologia e Educação.

Destaca-se que a tônica da entrevista, em concordância com o pensamento agroecológico, é de se estabelecerem trocas, priorizando-se o diálogo e a circulação de conhecimentos, onde a prática e a teoria se retroalimentam. Nesse sentido foram também apresentadas as redes de atuação, os caminhos trilhados e os resultados parciais dos projetos nos quais as entrevistadoras estavam envolvidas em âmbito acadêmico, assim como abriu-se possibilidades de melhorias, correções e desdobramentos dessas pesquisas, em face à prática do Cemear.

Na interseção entre agroecologia e educação, os autores deste trabalho debatiam-se sobre a inserção da agroecologia nas universidades, especialmente na pós-graduação, devido à urgência da construção de conhecimentos em todos os níveis educativos em torno da sustentabilidade ambiental que supere perspectivas instrumentais e visões excludentes presentes na sociedade. Cabe ressaltar que este trabalho é um dos resultados do Projeto “O giro agroecológico na pós-graduação stricto sensu em Universidades catarinenses, UNICAMP e Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina”, que integra o Observatório Iberoamericano de Estudos Comparativos em Educação (OIECE). A FURB foi cofundadora do

4 Disponível em: <https://turboscribe.ai/>

Observatório em 2014, atuando desde então por intermédio do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação – Educogitans

Em revisão bibliográfica de artigos acadêmicos de Iberoamérica sobre Agroecologia e Educação, identificou-se que as principais perspectivas atribuídas pela produção científica da região à temática são: Metodologias, Ação Política, Educação Superior (envolvendo ensino, pesquisa e extensão), Educação Ambiental e Educação do Campo (Maduro; Souza; Lamar, 2025). Nas universidades, depara-se com uma ampla e relevante produção científica sobre agroecologia, mas também com a difusão de conhecimentos e metodologias através das práticas de atores sociais de comunidades tradicionais e experiências do território, como pode ser visto na entrevista que se segue. Essas são dimensões práticas e teóricas que apresentam abordagens sistêmicas, trans e interdisciplinares, contextualizadas e complexas, dos agroecossistemas e suas interações.

A ENTREVISTA

Entrevistadoras: 1 – Denise Maduro; 2 – Julia Coelho de Souza

Entrevistado: Alexandre Prada

Entrevistadora 1 – Gostaríamos de escutar sobre sua experiência com o Cemear. Por gentileza, explique o que é o Cemear?

Entrevistado: O Cemear foi criado aproximadamente no ano 2000, resultado do trabalho desenvolvido por profissionais de diferentes prefeituras da região. Na época, eu atuava na prefeitura de Presidente Getúlio, enquanto colegas trabalhavam em Dona Emma, município vizinho. Esse grupo, que colaborava em projetos como o de Microbacias⁵, foi fundamental para a concretização do Cemear. Com o encerramento do projeto, passamos a desenvolver atividades de forma mais autônoma. Eu, atuando em Presidente Getúlio, juntamente com outros, de Dona Emma, iniciamos um diálogo direto com as famílias agricultoras, especialmente com os fumicultores.

As famílias expressavam o desejo de mudar da cultura do fumo por várias razões. Em muitos casos, elas não se adaptavam ao modelo de produção integrado.

⁵ O Projeto Microbacias foi um projeto governamental, que iniciou em 1991 com o objetivo de reduzir o impacto ambiental ocasionado pelo desenvolvimento agrícola pautado pela Revolução Verde, que implementou sistemas integrados de produção corporativos, com graves consequências socioeconômicas, culturais, ambientais e no campo da saúde humana. Informações em <https://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php/2024/09/24/projetos-microbacias-1-microbacias-2-e-sc-rural-um-breve-relato-de-uma-historia-de-sucesso/>.

O sistema não atendia às expectativas das fumageiras, nem às necessidades das próprias famílias. Houve casos de intoxicação, alguns bastante graves. Naquela época, utilizava-se gás para esterilizar os canteiros, o que expunha as famílias a condições extremamente insalubres, algo que, infelizmente, ainda ocorre. Essas famílias buscavam alternativas para escapar desse cenário.

Naquela época, apresentamos a proposta da agricultura ecológica. Nossa concepção de agricultura ecológica era sustentada por quatro pilares principais. O primeiro era a produção agroecológica, o segundo seguida pela comercialização direta, o terceiro pilar era o associativismo, promovendo a cooperação entre as famílias. E, por fim, a agregação de valor, que imaginávamos como um processo concomitante, envolvendo o processamento artesanal até chegar às agroindústrias.

Essa era a concepção de trabalho que tínhamos no campo da extensão rural junto às famílias agricultoras. Realizávamos muitos encontros, e, a partir dessas reuniões, começaram a surgir os grupos de agricultores ecologistas da região. Criamos um formato de curso intensivo, que brincávamos chamando de "lavagem cerebral". O curso durava cinco dias e era focado na agricultura ecológica. Ele era ministrado em parceria com algumas famílias agricultoras que já tinham experiências bastante interessantes na área. No quinto dia, sempre realizávamos um intercâmbio para ampliar o aprendizado. Geralmente, íamos ao Rio Grande do Sul para visitar regiões como Ipê e Prado, onde buscávamos inspiração e aprendíamos com as práticas locais. Bebemos muito dessa fonte de conhecimento para nosso trabalho. Foi a partir dessas experiências que começaram a surgir os grupos de agricultores ecologistas.

Como éramos vinculados às prefeituras, uma das preocupações dos agricultores na época era a dependência do assessoramento, que estava atrelado à vontade política do gestor municipal, que mudava a cada quatro anos. Os agricultores sentiam que seria benéfico ter uma assessoria mais garantida, contínua e independente das influências do poder público, focada exclusivamente no desenvolvimento de suas atividades. Nesse contexto, a discussão sobre a estrutura do que viria a ser o Cemear começou a tomar forma. O trabalho foi iniciado em 1996, e em 2000, já havia uma base sólida que possibilitou a fundação formal do Cemear. A organização foi estruturada e consolidada nesse período.

Naquele momento, ainda não contávamos com uma equipe técnica. Recordo que, naquela época, estava envolvido com a Junta CEPAGRO⁶, um espaço de articulação das ONGs em Santa Catarina. Participávamos frequentemente das reuniões,

6 CEPAGRO – Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo.

o que nos permitia fortalecer laços e trocar experiências com outras organizações da região. No início, a Junta era composta pela FETRAF⁷, pelo Movimento Sem Terra, pela EPAGRI⁸, pela CEPAGRO e pelo Viane⁹. Naquela época, a CEPAGRO atuava como uma organização representativa das ONGs em Santa Catarina, focando mais na articulação do que na execução de projetos.

Esse caráter de execução da CEPAGRO surgiu em um momento posterior. Na Junta, surgiu uma proposta de parceria com uma organização de cooperação que, na época, chamava-se Trias. Era a ACT, Agência de Cooperação Técnica, da Bélgica. Após muitas discussões, as organizações decidiram que os recursos e a força da cooperação deveriam ser direcionados ao Alto Vale do Itajaí, onde já havia um trabalho em andamento. Acreditavam que fortalecer essa iniciativa seria uma estratégia interessante e benéfica. Com essa decisão, começamos a participar das discussões do projeto, chamado de Projeto de Inclusão Social. Tratava-se de um programa com duração de cinco anos, que abrangia várias frentes de atuação. Integrando esse trabalho, conseguimos criar a primeira equipe técnica do Cemear em 2003, graças a essa parceria de cooperação. A partir desse momento, foram realizadas diversas assembleias para discutir os próximos passos e fortalecer a estrutura da organização.

Nas assembleias, inicialmente, a equipe técnica focava em assessorar as famílias que faziam parte do Cemear e da jurisdição da associação. Em 2003, no entanto, surgiu uma discussão interna sobre a possibilidade de expandir nosso alcance, para além das famílias associadas, com o objetivo de envolver mais pessoas na prática da agricultura ecológica. Assim, começamos a atuar de forma mais regional, no Alto Vale do Itajaí, buscando incluir um número maior de agricultores em nossas iniciativas. Depois, expandimos nossas atividades para o Médio Vale [do Itajaí], onde famílias vieram em busca de assessoramento.

Um pouco antes da constituição do Cemear, ocorreu um evento muito interessante: a formação da Rede de Agroecologia ECOVIDA, de Santa Catarina. Nesse período, a rede começou a envolver também o Rio Grande do Sul e o Paraná. Estábamos nos primórdios da Rede ECOVIDA. Lembro da coordenação dos trabalhos junto com companheiros do Rio Grande do Sul e da EPAGRI. Era um grupo de pessoas históricas do movimento agroecológico aqui no Sul do Brasil. Decidimos levar um ônibus cheio de pessoas. Oferecemos um ônibus, que inicialmente seria

7 FETRAF – Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar.

8 EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

9 Centro Viane de Educação Popular.

para uma representação pequena, mas optamos por ir em grupo. Assim, trouxemos 15 agricultores e mais quatro técnicos para participar dos primeiros encontros de formatação da rede. As discussões foram muito interessantes e caminharam em conjunto com o Cemear. Em 2000, quando o Cemear foi fundado, já havíamos estabelecido o Núcleo Regional de Agroecologia, vinculado à Rede ECOVIDA.

No ano de 2000, havia uma característica interessante na região do Alto Vale: muitos comentavam que parecia haver um vazio no Estado, pois não existiam organizações atuando de maneira concreta no campo do desenvolvimento sustentável com plena dedicação. Embora houvesse projetos em andamento, como a APREMAVI¹⁰ e as ações da própria EPAGRI, a presença de organizações focadas especificamente nesse tema era limitada. Não havia iniciativas específicas voltadas para a agricultura orgânica. Em 2000, lembro que, a partir do Cemear, surgiu a primeira cooperativa de crédito, resultado do trabalho da equipe que deu origem à organização. Assim, foi fundada a CRESOL¹¹, em Dona Emma. Foi a primeira cooperativa de crédito da região, também na perspectiva de um projeto alternativo de desenvolvimento, que era o foco na época. Além disso, nesse mesmo ano, houve a organização sindical, com os sindicatos começando a se reunir. Assim, surgiu a FETRAF, juntamente com o Sindicato Regional de Presidente Getúlio e outros cinco municípios vizinhos. Tudo isso ocorreu em 2000.

Parece que houve uma explosão de organizações nesse período. No entanto, é comum que esse primeiro momento seja eufórico, e, com o tempo, surgem os desafios reais, como desenvolver um trabalho de campo, gerir uma organização, administrar recursos, equipes, estratégias e articulações. Esses desafios são significativos. Contudo, acredito que tivemos uma história bonita ao longo desses anos.

Atualmente, estamos vivendo um período pós-governo anterior ao atual. Durante o governo anterior, o vice da presidente Dilma (Rousseff) congelou os gastos e investimentos em áreas fundamentais como saúde, educação e assistência social, o que impactou diretamente as organizações.

Tínhamos um projeto com a ANATER¹², que foi o último que desenvolvemos em parceria com o governo. Esse projeto foi extremamente difícil de gerir, pois havia uma grande cobrança por parte das famílias. Elas buscavam detalhes minuciosos, e a situação se tornou bastante desafiadora. Não vou entrar nos detalhes,

10 APREMAVI – Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida.

11 CRESOL – Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária.

12 ANATER – Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural.

mas foi extremamente difícil passar por esse período, que se estendeu até o final de 2018. O projeto foi prorrogado algumas vezes para que pudéssemos dar conta das demandas, chegando até 2022. Formalmente, ainda mantivemos uma relação até 2023, mas o ápice dos desafios ocorreu em 2022. Esse projeto gerou um desgaste institucional significativo para nós. Atualmente, estamos passando por uma transição para recompor a instituição. A equipe se desfez, e tínhamos uma equipe fantástica de profissionais que atuavam diretamente com as famílias e no campo. Chegamos a ter 11 agrônomos e técnicos agrícolas atuando em 17 dos 28 municípios do Alto Vale. Atualmente, nosso desafio é a reestruturação institucional e a rearticulação da organização. Estamos nos preparando para realizar uma assembleia, que será ordinária e servirá para a prestação de contas e discussão estratégica dos rumos da organização. É nesse contexto que estou aqui no Vale hoje. Era para eu estar no Cemear (sede), mas ainda mantemos um pé no Vale.

Em Blumenau, continuamos com o trabalho das cestas em parceria com a FURB. Acredito que isso [a atuação em Blumenau] seja muito promissor. Embora atualmente seja uma iniciativa pequena, o potencial de organização de consumidores em um município como Blumenau, com mais de 300 mil habitantes e diversos refeitórios industriais, é significativo. Já existe uma articulação com algumas empresas de Blumenau que demonstraram interesse em dialogar conosco para explorar como a produção da agricultura orgânica do Vale do Itajaí e de outras regiões pode ser integrada. Não somos mais bairristas.

Precisamos observar esse projeto (cestas agroecológicas) crescer, mesmo que lentamente. Ele possui um grande potencial, e o guardamos com muito carinho. Continuamos trabalhando para encontrar formas de garantir sua continuidade, tornando-o cada vez mais abrangente. Estamos discutindo com os grupos para que começem a assumir a responsabilidade de definir alguns parâmetros de condução do projeto, especialmente em relação à comercialização com o grupo de consumo consciente de Blumenau. A partir daí, pretendemos expandir para outras áreas dentro do município. A história do Cemear sempre esteve muito ligada à comercialização, com o estabelecimento de feiras e cestas. Ao longo do tempo, ajudamos a montar mais de 13 feiras, embora metade delas já não exista mais, a outra metade ainda está em funcionamento.

Atualmente, temos cerca de dez grupos (de agricultores) que compõem a estrutura do Cemear. Esses grupos também têm demonstrado uma preocupação significativa, o que acredito ser uma tendência que não se limita apenas à nossa região. A agricultura orgânica, enquanto proposta, parece necessitar de uma

revisão para atrair novas famílias. Na nossa região, e em outras também, embora não em todas, tenho observado um decréscimo no número de pessoas dedicadas à produção. Sempre há novas pessoas entrando, mas também vemos alguns produtores mais antigos se afastando. Com o passar do tempo, a energia das pessoas diminui e é natural que algumas precisem parar. O envelhecimento no campo é uma realidade também na agricultura orgânica. Além disso, a juventude tem acesso a outras oportunidades no Vale; muitos optam por estudar, trabalhar em empresas ou desenvolver atividades fora do setor agrícola. Essa situação nos leva a repensar nossa abordagem e a discutir estratégias para enfrentar esses desafios.

Uma das propostas que mais interessou ao pessoal foi o sistema de plantio direto de hortaliças [SPDH]. Um pesquisador de primeira linha, apresentou a ideia, e todos se encantaram com a proposta. Estamos desenvolvendo essa iniciativa em conjunto com o núcleo e outras comunidades e famílias, embora dentro dos limites estruturais que temos no momento.

Entrevistadora 1 – Muito obrigada por nos apresentar esse panorama do Cemear e todo o seu histórico.

Entrevistadora 2 – Vejo muitas interfaces, que sem dúvida se relacionam com a pesquisa. Fico pensando no projeto SPDH, que também está sendo desenvolvido pelo CCA.

Entrevistadora 1 – É muito interessante como a agroecologia alinha centros, universidades, linhas de pesquisa, extensão e práticas. Na pesquisa, quando falamos sobre o giro agroecológico nas universidades, falamos de um olhar diferente para a produção, incluindo a produção do conhecimento e a sustentabilidade da vida. Nesse sentido, eu gostaria de perguntar a você, como foi a aproximação com a FURB? Eu percebo que hoje vocês têm um espaço de comercialização dentro da FURB. Como foi esse processo? Você considera que foi uma aproximação mais voltada para uma ação de extensão da universidade, ou teve um caráter institucional desde o início, envolvendo a administração central? Ou foi uma iniciativa mais ligada ao ensino, à pesquisa, associada a algum programa de pós-graduação ou a um departamento acadêmico? Como ocorreu essa junção, esse encontro entre a FURB e a agroecologia no projeto que vocês estão desenvolvendo atualmente?

Entrevistado – Nossa primeira aproximação não foi especificamente no [Programa de Pós-graduação em] Desenvolvimento Regional, mas foi através dele que surgiu a questão da comercialização. Nos aproximamos inicialmente do pessoal do Instituto de Pesquisas Ambientais¹³. É um braço operativo que inte-

13 IPA – Instituto de Pesquisas Ambientais.

rage fortemente com o Comitê das Águas. Eles estavam envolvidos em projetos da Petrobras¹⁴, e conseguimos fazer algumas inserções nesse projeto. Eles gostaram bastante da nossa abordagem, especialmente em relação aos Comitês e Conselhos Municipais de Desenvolvimento do Meio Ambiente. Naquela época, não se dava muita atenção a essa questão. No entanto, a relação com o pessoal do (Programa de Pós-graduação em) Desenvolvimento Regional foi diferente. Alunos e estudantes começaram a fazer suas teses, dissertações e trabalhos de graduação relacionadas ao tema.

Os estudantes vinham ao Cemear em busca de referências para trabalhar com a questão da agricultura orgânica e ecológica. Com essa vinda de estudantes, começamos a desenvolver alguns trabalhos em conjunto, o que ocorreu de forma natural, devido à afinidade de objetivos entre nós e o desenvolvimento regional. Sempre foi um elo importante o contato com o mestrado em Desenvolvimento Regional. Houve um estudante que, após concluir o mestrado, integrou nossa equipe como economista. Até então, nunca havíamos contado com um economista na nossa equipe. Na área da cooperação, tivemos alguns historiadores, o que resultou em um trabalho bastante interessante. Eles chegaram em um momento muito oportuno, durante o Projeto de Inclusão Social. Era um casal de historiadores que, em uma das comunidades onde atuávamos, nos procurou para saber o que poderíamos fazer por eles. Na opinião deles, a principal contribuição que poderíamos oferecer era o resgate da história da comunidade. Era uma comunidade de origem polonesa, e até hoje os membros dessa comunidade são apaixonados pelo trabalho de resgate histórico, que, embora não estivesse diretamente relacionado à nossa área de atuação agrícola, foi muito interessante. A integração desse economista à equipe facilitou ainda mais a aproximação, que ocorreu de maneira bastante natural.

Até conversávamos com professores sobre a possibilidade de desenvolver alguma iniciativa a partir da FURB relacionada ao consumo consciente. No entanto, acredito que ainda temos muito a avançar e discutir nesse sentido. Embora estejamos mantendo um operacional, o trabalho na área de capacitação e na formação de uma nova visão de consumo tem sido bastante limitado. E, de fato, percebo que muitas pessoas que consomem preferem almoçar fora e não preparam refeições em casa. O ato de cozinhar em casa tem diminuído, especialmente nos grandes centros, talvez devido à distância do trabalho, à localização das moradias ou à

14 Petrobras – Empresa Brasileira de Petróleo.

falta de tempo disponível. Assim, as pessoas não estão mais cozinhando tanto quanto faziam alguns anos atrás.

Estamos explorando algumas opções para a comercialização. Como mencionei anteriormente, ajudamos a montar diversas feiras e vivenciamos muitas situações nesse processo. No entanto, percebemos que construir uma feira com uma gestão cooperativa é um desafio significativo. Geralmente, aqueles que tinham uma melhor capacidade de gestão acabavam se apropriando do espaço da feira ao longo dos anos. Observamos que a gestão cooperativa, que havíamos estabelecido, começou a se fragilizar devido a uma série de fatores. Diante dessa situação, desenvolvemos uma estratégia diferenciada de comercialização, na qual a gestão pudesse ser compartilhada com o consumidor. Foi nesse contexto que a ideia das cestas ganhou destaque. A partir desse ponto, decidimos discutir a questão da aproximação com as empresas, considerando a concentração de trabalhadores na região e a possibilidade de realizarmos uma feira. No entanto, estamos questionando se essa é realmente a melhor abordagem ou se deveríamos considerar alternativas, como o abastecimento do refeitório da empresa. A ideia era explorar essas opções. Atualmente, mantemos contato com o grupo das cestas e estamos colaborando com os sindicatos, como o SINTRASEB¹⁵ e o SINSEPE¹⁶. Esses sindicatos são grandes e têm uma presença forte na região.

Entrevistadora 1 – É interessante notar que vocês têm diversas articulações. Primeiramente, há a colaboração com o Instituto de Gestão das Águas, que envolveu a pesquisa dos estudantes em trabalhos de conclusão de curso e mestrado, especialmente nas áreas de Desenvolvimento Regional. Além disso, existe a articulação atual relacionada às cestas (agroecológicas), bem como a organização de feiras, correto?

Entrevistado – Uma das primeiras feiras que organizamos, ocorreu no início do Cemear, quando estruturamos eventos nos municípios de Dona Emma e [Presidente] Getúlio, que são as cidades de origem das famílias com as quais trabalhamos. Com o tempo, a produção começou a aumentar, e recebemos um pedido da Superintendência da Agricultura do município de Blumenau. Um colega que trabalhava lá, nos procurou para colaborar na construção do que hoje conhecemos como a Sábado-Feira de Agroecologia e Artesanato. Essa feira se tornou um evento significativo para nós em Blumenau.

Entrevistadora 1 – Mas, na própria FURB, vocês também realizam feiras?

15 SINTRASEB – Sindicato Único dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Blumenau.

16 SINSEPE – Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau.

Entrevistado – Não estamos atualmente realizando feiras na FURB, mas já fizemos esse tipo de evento anteriormente. Essa é outra forma de articulação com a FURB, que envolve o Movimento de Economia Solidária através da ITCP, em Blumenau. O pessoal da RESV, em colaboração com os bolsistas e professores, é responsável pela gestão do Grupo de Consumo Consciente na Universidade, promovendo a Vitrine.

Entrevistadora 1 – A inclusão da agroecologia no ambiente universitário traz um bem-estar significativo para todos, incluindo os trabalhadores. Foi interessante você mencionar o sindicato, pois é uma dimensão que ainda não havíamos considerado. Há alguma outra dimensão da articulação entre o Cemear, a agroecologia e a FURB que você gostaria de destacar? Você mencionou anteriormente a questão das capacitações. Como estas ocorrem?

Entrevistado – É como se estabelece o processo de desenvolvimento do consumo consciente. A realização da compra e a aquisição de uma cesta terão um impacto concreto no dia a dia da família. No entanto, ao observar o cenário atual, percebemos que nossa influência é bastante tênue. Enfrentamos grandes desafios na comercialização, especialmente no que diz respeito à comunicação que é um processo contínuo de formação.

Atualmente, a comunicação desempenha um papel fundamental na formação de opiniões e na tomada de decisões das pessoas, que se baseiam nas informações recebidas pelas mídias sociais. No entanto, nós ainda exploramos muito pouco essa ferramenta. Nossa vínculo com os consumidores se resume à Vitrine e ao momento da entrega dos pedidos, quando algumas dúvidas podem ser esclarecidas. Estamos ocupando pouco esses espaços e não atuamos de maneira efetiva no campo da comunicação e da formação continuada. Isso se deve, em parte, a questões estruturais, como as limitações na carga horária dos professores e dos colaboradores que trabalham na Vitrine, além da correria do dia a dia para aqueles envolvidos na Economia Solidária e na ITCP. É necessário formatar melhor essa estratégia de comunicação, pois isso fortalecerá a lógica do consumo.

Entrevistadora 1 – E a FURB também atua no que diz respeito às atividades de formação junto às famílias e agricultores? Você considera que isso é necessário? Seriam capacitações direcionadas para a produção ou outras necessidades? Pergunto isso porque, em outras universidades, observamos uma atuação forte nessa área, especialmente em capacitação e extensão através de seus institutos agronômicos, entre outros.

Entrevistado – É assim que percebemos, à distância. Algumas universidades têm professores que parecem ter mais liberdade, talvez chamada de livre docência, o que lhes permite se dedicar a projetos externos. Por outro lado, há aqueles que parecem estar muito atrelados à sala de aula, com uma carga horária fixa para a docência, o que dificulta a sua atuação no campo. Estamos tentando aproximar o campo da universidade, mas não temos obtido muito sucesso. Por exemplo, temos um Instituto Federal em Rio do Sul, o Instituto Federal Catarinense, que oferece um curso de agroecologia, mas enfrentamos dificuldades na aproximação dos professores com a realidade do campo.

Realizamos reuniões dentro do núcleo, onde os agricultores têm a oportunidade de se aproximar da universidade. Em algumas ocasiões, quando surge uma demanda, como um curso sobre homeopatia, os professores atendem pontualmente essa necessidade. No entanto, isso não é exatamente o que buscamos. Queremos uma ação mais estratégica, algo mais planejado e programado, que tenha um impacto significativo na ampliação da sustentabilidade tanto no espaço agrícola quanto no urbano e no consumo. Buscamos um programa estruturado, mas não temos conseguido alcançar esse nível de planejamento.

As ações têm sido muito mais pontuais. No caso da FURB, o que tivemos foi um intercâmbio ano passado, que envolveu alguns consumidores e membros da ITCP, permitindo uma interação com algumas famílias de agricultores aqui no Alto Vale. Esse aspecto ainda está em um estágio muito inicial e precisa ser bastante desenvolvido. Acredito que é um ponto que requer mais atenção. No entanto, isso depende significativamente da estrutura e da disponibilidade de cada instância de formação.

Entrevistadora 1 – Você percebe um apoio institucional à proposta agroecológica na FURB ou isso é mais uma iniciativa de alguns professores? Existe algum respaldo formal através de um projeto político-pedagógico ou de desenvolvimento institucional? E a existência de uma incubadora voltada para a comercialização, isso também indicaria esse suporte institucional?

Entrevistado – Não tenho uma interpretação tão clara ainda, mas me chama bastante a atenção o fato da FURB dispor de uma estrutura que está localizada no centro, próxima da calçada. Essa proximidade é significativa. Existe uma loja praticamente dentro da universidade [Vitrine], que pode ficar aberta todos os dias. Isso cria um espaço importante para interação e acesso aos produtos, fortalecendo a conexão entre a instituição e a comunidade.

Então, onde mais você encontra isso? Em quantas universidades existe essa possibilidade de ter uma lojinha dentro do campus, aberta ao público externo? Uma loja que envolve a produção agrícola, a economia solidária e o pessoal do campus. Acredito que isso seja fruto de uma proposta que vem, em grande parte, de uma visão de desenvolvimento regional, apoiada pelo pessoal que trabalha com assistência social. Percebo que muitos dos bolsistas que atuam na Vitrine são da área de assistência social. Na verdade, muitos dos bolsistas não são de áreas correlatas à produção, mas sim da assistência social. Isso me faz pensar que a FURB é algo diferenciado. Embora tenha nascido da iniciativa de alguns professores, há um respaldo institucional por trás. Eles conseguiram, e isso não é pouco. Se essa estrutura fosse replicada em outras universidades, com lojas disponíveis em diferentes locais, imagine quantas lojas poderíamos ter.

Entrevistadora 1 – Hoje conversamos sobre o Cemear e a interação com a universidade, e também conhecemos um pouco da sua história. O seu interesse pela agroecologia, você desenvolveu na Universidade ou foi em outro lugar? Então, o seu interesse pela agroecologia surgiu na Universidade ou você decidiu entrar na Universidade por causa desse interesse?

Entrevistado – Ser agrônomo é uma das decisões da minha vida das quais nunca me arrependi – escolher esse campo de atuação. Eu me formei em Lages, no CAV¹⁷. Olha, nos corredores da Universidade, tínhamos vários colegas que já buscavam essa vertente de mudança. Havia muita coisa que não fazia sentido: como nos tornarmos especialistas em química, utilizando substâncias nas plantas, sem considerar a importância da ecologia e da ecofisiologia dos cultivos? Dentro das salas de aula, esses temas não eram abordados; simplesmente não havia espaço para isso. Mas, nos corredores, havia essa troca de ideias. Nós compartilhávamos literatura e havia grupos de estudantes que se reuniam para discutir esses temas. Era um ambiente universitário, mas mais organizado por alunos do que por professores. Alguns docentes também demonstravam afinidade e contribuíam para essas discussões.

Entrevistadora 1 – Estou perguntando isso também porque essa é outra vertente de interesse: a formação em agroecologia nas universidades. Por isso, fiz questão de perguntar como você chegou à agroecologia. É interessante notar a importância das atividades extracurriculares.

17 CAV – Centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Entrevistado – Isso reflete um interesse pessoal dos alunos, um desejo de promover algo dentro da universidade. Não sei como está a situação hoje nas salas de aula, mas imagino que ainda esteja bem dividido.

Entrevistadora 1 – Isso ilustra um campo de disputa constante. A sua fala e atuação refletem muito isso. O seu trabalho, as escolhas, as parcerias e os desenvolvimentos realizados pelo Cemear, junto com toda a história que você compartilhou conosco, ilustram bem essa dinâmica. Além disso, as escolhas que a FURB fez como instituição, com os professores que se destacam e os técnicos envolvidos, assim como os estudantes que participam ativamente, o consumo consciente, todas essas perspectivas e nuances que discutimos sobre a agroecologia, são extremamente relevantes para entendermos as possibilidades de atuação na temática. Tudo isso é muito rico e importante. Só temos a agradecer. Como combinamos, tínhamos um roteiro preparado e já abordamos quase todos os pontos. Seu relato auxilia à compreensão das práticas agroecológicas nas universidades. Portanto, agradecemos profundamente.

Entrevistadora 2 -Ao ouvir você, percebo a trajetória de muitos colegas e colegas de extensão e pesquisa. A conexão com a Rede ECOVIDA de Agroecologia e a questão da comercialização são realmente importantes. Uma das coisas que fazemos dentro da universidade é produzir materiais que instiguem a pensar a partir de outras experiências, ajudando a pensar em como podemos impactar em nosso local de atuação.

Podemos enviar alguns materiais para você, para que possamos pensar juntos em maneiras de construir conexões mais eficazes. Vindo do campo da comercialização, tenho uma inquietação que gostaria de abrir com vocês: como aproximamos o debate teórico e a revisão de literatura, da prática? Por exemplo, como você mencionou, a comercialização é um dos carros-chefes, e o projeto das cestas (agroecológicas do Cemear na FURB) é uma parte fundamental. Como podemos estabelecer um diálogo mais estreito e significativo para os coletivos envolvidos?

Entrevistado – Há um tema que gostaríamos de explorar mais profundamente, relacionado à nossa missão e à origem do nosso trabalho. Não temos abordado isso de maneira reflexiva: a lógica da cooperação. Atualmente, temos focado bastante no cooperativismo. Embora as cooperativas sejam, em grande parte, orientadas pela cooperação, precisamos considerar a cooperação em um sentido mais amplo. Queremos investigar como podemos integrar essa discussão sobre cooperação dentro do núcleo e na região. Como podemos discutir essa questão da cooperação em contraste com a competição, que é uma abordagem muito forte

atualmente. É importante reconhecer o potencial que a lógica da cooperação pode oferecer.

Entrevistadora 2 – Observamos isso como uma dificuldade significativa. Estou inserida nesse campo e consigo observar de forma clara que tanto os estudos sobre cooperação quanto a prática da cooperação em processos coletivos apresentam lacunas significativas. Esses são elementos que precisam ser abordados. Na época em que trabalhei na ITCP da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), participei de uma iniciativa similar à Vitrine na FURB, mas na UFRGS. Um projeto chamado Contraponto, que ainda sobrevive com dificuldades, mas está ativo, é um espaço dedicado à economia solidária e aos movimentos sociais dentro da Universidade. Desde aquela época, discutímos os gargalos existentes. No LACAF, conseguimos ver com muita clareza que a educação para o consumo é uma questão urgente e precisa ser abordada. Precisamos olhar para isso, estudá-lo mais a fundo, e desenvolver projetos de extensão que promovam a cooperação como um meio de fortalecer os grupos, em vez de seguir uma lógica meramente utilitária. Nossa, se começarmos a conversar sobre isso, certamente poderemos organizar um seminário de três dias e garantir uma pauta rica e produtiva.

Entrevistado – Se vocês tiverem alguma apresentação ou seminário programado, por favor, comuniquem-nos. Estamos sempre abertos e gostamos de participar desses momentos. Assim, podemos continuar estreitando nossa relação, pois acredito que isso não termina aqui; teremos muitas outras oportunidades de interação. É importante refletir bem sobre tudo o que vamos fazer. Quanto mais reflexões e pontos de vista tivermos, melhor. Portanto, a discussão é sempre muito bem-vinda para nós. Nós somos extremamente frágeis quando se trata de comunicação, muito mesmo. Esse é um campo em que precisamos, de alguma forma, avançar, evoluir e integrar mais no nosso trabalho.

Entrevistadora 2 – Reconheço essa fragilidade que você mencionou no Cemear; vejo isso no LACAF e na experiência que tive anteriormente com a Contraponto e outros coletivos na agroecologia e na economia solidária. Nesse campo, a proximidade relacional é uma grande fortaleza. No entanto, estamos lidando com um mundo de comunicação que também envolve o digital. A questão é como dialogamos e capturamos essas interações. Fazer esses diálogos é uma questão ampla, mas certamente chamando colegas que estão envolvidos nesse debate, traremos informações valiosas para todos.

Entrevistadora 1 – Muito obrigada! Vou encerrar a gravação e, novamente, agradeço imensamente. Agradeço a todos!

Entrevistado – Estamos à disposição para que vocês nos chamem novamente e nos provoquem para novas conversas. É sempre bom dialogar. Vamos ver se conseguimos aproximar a pesquisa mais da experiência e das necessidades do pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais ressaltamos alguns temas importantes da composição do tecido da agroecologia nas universidades. A presença do Cemear, uma associação de produtores voltados para agroecologia, em uma universidade regional, nascida a partir da impronta de professores, retoma a lógica da cooperação se contrapondo à lógica da competição tão presente na sociedade do consumo atual. Remonta, assim como a própria agroecologia, à promoção de uma outra forma de existência no mundo. O texto em tela demonstra a importância das políticas públicas de apoio à agroecologia e ao cooperativismo como seu motor. As parcerias, sejam elas regionais, nacionais e até internacionais, surgiram no relato como fundamentais para a promoção do desenvolvimento ao longo da história do Cemear. A FURB se apresenta atualmente como uma parceira importante na promoção da agroecologia, e como porta de entrada para o pensamento agroecológico também na cidade de Blumenau.

A pesquisa, o ensino e a extensão, são desígnios constitucionais das Universidades que, ao entrarem no tecido da promoção da agroecologia, coloca em jogo e em cheque suas funções. Na parceria estabelecida com a FURB, pesquisa, ensino e extensão passam a se desenvolver no Cemear. Ao se dedicar à extensão, os docentes e estudantes trazem elementos para construção do conhecimento científico em sintonia com a realidade em que atuam e para seu próprio aprimoramento. Esse enriquecimento teórico-prático, a práxis, garante a construção de um conhecimento socialmente válido e que enriquece o campo, podendo promover capacitação em sintonia com a necessidade das populações atendidas. A produção do conhecimento não é algo fixo, está sempre em disputa durante sua produção, divulgação e desenvolvimento. A ciência se caracteriza precisamente por essa dinâmica de movimento. Em termos de agroecologia, a extensão universitária e a articulação com os movimentos sociais proporcionam a renovação e a construção do conhecimento científico, com o reconhecimento de saberes do campo. A inserção da Agroecologia na Educação Superior se dá por meio de ensino, pesquisa e extensão, aqui destacados em articulação com movimentos sociais, imersão no

território educativo, pesquisa-ação e trocas dialógicas onde o sujeito do campo agroecológico não é apenas objeto, mas também construtor do conhecimento com fluxos do campo para a academia e vice e versa. O trabalho docente é parte integrante fundamental dessa equação, e quando não se há possibilidade contratual de tempo reservado a ações de caráter extensionista, essa interação pode ser comprometida. A defesa do trabalho docente no ensino superior, envolvendo tempos de trabalho remunerado para ensino, pesquisa e extensão, faz parte da complexa trama na qual se encontra a interseção agroecologia e educação superior.

Reconhece-se o pioneirismo da FURB em dispor um espaço de comercialização que envolva a produção agrícola, a economia solidária e as pessoas que circulam no campus e no centro urbano. Uma ação que não se dá de forma isolada, mas articulada com a formação dos acadêmicos, destacando-se a atuação do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e do curso de Assistência Social da FURB, inclusive com bolsistas. Nesse sentido, percebe-se que a promoção da agroecologia encontra respaldo institucional tanto em âmbito acadêmico como da gestão administrativa do campus.

Apesar das dinâmicas de trocas entre os âmbitos universitários e as famílias agrícolas, o trabalho na área de capacitação e na formação de uma nova visão de consumo agroecológico é limitado. É necessário aproximar mais o campo da Universidade, buscando capacitar para impacto na área agrícola, urbana e de consumo. A comunicação pode potencializar essa ação formativa, as trocas e os diálogos, reconhecendo os saberes que advêm do campo e do manejo consciente da terra para a produção de alimentos saudáveis; uma consciência que se expande e potencializa a ação humana. Expandir os momentos de trocas para além do físico abarcando também o digital, com as redes sociais, por exemplo, aumenta a proximidade relacional dos sujeitos. A comunicação para o consumo consciente deve ser um processo contínuo de formação, e que ainda pode ser mais explorado em universidades, junto à comunidade acadêmica. Há uma chamada em aberto para formação continuada voltada para o público consumidor. Um caminho interessante que se apresentou no diálogo, pensando as diferentes estratégias universitárias para integração com a agroecologia, é de se articular a formação em agroecologia com os componentes curriculares de maneira transversal e interdisciplinar, visando uma formação voltada para o consumo responsável e sustentável, além dos demais temas associados à agroecologia.

Em específico, na entrevista, a formação do agrônomo se insere na contraposição e tensão mais ampla do campo agrícola que é a predominância do enfoque

aos elementos químicos da produção e não ao ecológico. Essa é uma discussão que remonta à Revolução Verde, com seus pacotes agroquímicos, à qual o pensamento agroecológico se coloca como uma alternativa. Nesse sentido a conformação, inter e transdisciplinar, na academia e fora dela, de redes de pesquisa para atuação conjunta em agroecologia é fundamental.

Para o entrevistado, a falta de cozinhar e comer em casa diminui o consumo das cestas. Há aí uma discussão implícita dos tempos de trabalho estendidos, não apenas presencialmente, mas também virtualmente, e como isso influí na saúde dos trabalhadores e de suas famílias. Nesse sentido, a partir da presença do Cemear na Universidade, foi possível articular a facilitação das cestas agroecológicas junto ao movimento organizado dos trabalhadores, os sindicatos, presentes na Universidade e na cidade, fazendo frente à precarização alimentar do trabalhador e promovendo economia para consumidores e produtores, com geração de renda. Aproximar o alimento saudável, facilitado através das cestas dentro do campus universitário, potencializa mudança nos hábitos alimentares e de consumo consciente nessa população trabalhadora e, também, estudantil, pertencentes à comunidade acadêmica, formando novos hábitos que ajudam ao planeta. Um impacto para toda a vida, formação em agroecologia proporcionada pela troca e para a comunidade acadêmica nos seus mais diversos segmentos.

Agradecimentos: Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio aos diversos projetos de pesquisas executados pelos grupos de pesquisa que fazem parte.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. C. Universidade e desenvolvimento: as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e suas práticas metodológicas de ensino-pesquisa-extensão. 2021. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2021.

Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FURB_48cfda1b72211db0da59a033a4aacd08. Acesso em: 22 dez. 2025.

CARRIERI, M.; PUGAS, A. S.; ROVER, O. J. Células de consumidores responsáveis: universidade pública e atores/as sociais rurais e urbanos na construção de inovações sociais em torno do agroalimentar. Rizoma Freireano, [s. l.], v. 34, n. 1, 2023.

Disponível em: <https://www.rizoma-freireano.org/articles-3434/celulas-de-consumidores>. Acesso em: 22 dez. 2025.

ESCOSTEGUY, I. L. Inovações sociais na promoção da agroecologia e de redes de cívismo agroalimentar em Florianópolis-SC. 2019. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214989>. Acesso em: 22 dez. 2025.

GELCKE, D. L. et al. A “proximidade” nos circuitos de abastecimento de alimentos orgânicos da Grande Florianópolis – SC – Brasil. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 539–560, 2018. DOI: <https://doi.org/10.36920/esa-v26n3-3>.

Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/ESA26-3_a_proximidade. Acesso em: 22 dez. 2025.

MADURO, D.; SOUZA, J.; LAMAR, A. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade em pesquisas sobre agroecologia e educação: algumas concepções. Cadernos CIMEAC, Uberaba, v. 14, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v14i2.8058>.

Disponível em: <https://seer.ufmt.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/8058>. Acesso em: 22 dez. 2025.

MIRANDA, D. L. R. Redes de cidadania agroalimentar e a construção social do mercado de orgânicos/agroecológicos em Florianópolis-SC. 2020. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/70824>. Acesso em: 22 dez. 2025.

ROVER, O. J.; DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (org.). *Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social*, [s. l.]: Estúdio Sem Prelô, 2021. p. 19–44.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229738>. Acesso em: 22 dez. 2025.

ROVER, O. J.; PUGAS, A. S.; SOUZA, M. C. Circuitos curtos de comercialização e mecanismos de controle na agricultura orgânica: analisando o potencial de formação de cinturões verdes agroecológicos. Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 16, n. 43, p. 378–399, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.14393/RCT164316>. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT164316>. Acesso em: 22 dez. 2025.

SCHIOCHET, V.; FRONZA, C. S.; BARBOSA, V. C. (org.). *Extensão universitária e inclusão socioeconômica solidária: a experiência da ITCP/FURB*. Blumenau: Edifurb, 2021.

SOUZA, J. C. de. O potencial social das cestas de alimentos agroecológicos: dinâmicas organizativas em circuitos curtos de comercialização na Região da Grande Florianópolis. 2023. Tese (Doutorado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247597>. Acesso em: 28 dez. 2025.

SOUZA, J. C.; PUGAS, A. S.; ROVER, O. J.; NODARI, E. S. Social innovation networks and agrifood citi-

zenship: the case of Florianópolis area, Santa Catarina, Brazil. Journal of Rural Studies, [s. l.], 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.09.002>.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016721002667?via%3Dihub>. Acesso em: 22 dez. 2025.

SOUZA, J. C.; ROVER, O. J.; NODARI, E. S. Agricultores e consumidores em torno do acesso a alimentos agroecológicos: estudo de caso sobre as Células de Consumidores Responsáveis, SC, Brasil. In: DEPONTI, C. M. (org.). Extensão e desenvolvimento regional: da teoria à prática. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 265–291.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229741>. Acesso em: 22 dez. 2025.

WILKINSON, J. *Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

♦ VOL. 14, 2026, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces - Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces
Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

U F M G